

Indústria quer manter escala de reajustes

A recente queda do câmbio é um sinal favorável para as indústrias que usam insumos importados ou cotados em dólar, mas não reverte as pressões de custos passadas e as necessidades de repasses para os preços. A médio prazo, se esse recuo do câmbio persistir, as empresas terão um alívio nas suas margens que foram comprimidas.

O gerente de produto da Electrolux, Rafael Bonjorno, diz que o recuo do dólar melhora a situação dos custos a médio prazo. Porém, como muitos componentes foram comprados quando a cotação estava mais alta, existe a necessidade de manter os reajustes nos preços dos produtos acabados que, nos dois últimos meses, subiram entre 5% e 8%. "Não estamos repassando todos os aumentos de custos incorridos."

A lógica se repete no caso da BSH Continental Eletrodomésticos, fabricante de fogões, geladeiras, máquinas de lavar, entre outros eletrodomésticos. O vice-presidente comercial, Luiz Carlos Piton, avalia que, se a queda do câmbio se configurar uma tendência, poderá ocorrer uma reavaliação da necessidade de futuros reajustes. De toda forma, a empresa reajustou em 5% seus preços em outubro para cobrir aumentos passados de matérias-primas e componentes que sofrem a influência do câmbio. (M.C.)